

**A IDENTIDADE DOS FUNKEIROS  
DA BAIXADA FLUMINENSE  
REFLETIDA NA LINGUAGEM MUSICAL**

*Patrícia Luísa Nogueira Rangel* (UNIGRANRIO)

[rangelluisa@ig.com.br](mailto:rangelluisa@ig.com.br)

*Idemburgo Frazão Felix* (UNIGRANRIO)

[professorfrazao@uol.com.br](mailto:professorfrazao@uol.com.br)

### **1. Introdução**

Questões sobre identidade passaram a ter uma ênfase muito grande nos tempos atuais. Trata-se um tema complexo e que recentemente tem despertado grandes discussões, deixando de ser objeto só de filosofia e despertando interesses de outras áreas.

O presente artigo tem como finalidade considerar aspectos relacionados à identidade do funkeiros da Baixada Fluminense, através da linguagem musical, influenciado pela contemporaneidade do mundo líquido, associado à globalização e ao consumismo.

Ele está dividido em quatro seções, em que a primeira vai considerar brevemente sobre a importância da música com Loureiro (2010) e definir a relação entre Estado e a linguagem musical como forma de fortalecer a identidade nacional.

A segunda seção abordar a história do *funk* desde seu começo no EUA até os dias atuais, através das obras de Vianna (1988), Essinger (2005) e Medeiros (2006). O breve histórico da Baixada Fluminense será considerado na terceira seção, considerando trabalhos de Santos (2008) e Duarte (2010).

A quarta considerará a linguagem musical como instrumento de afirmação de identidade dos funkeiros na Baixada Fluminense, considerando a globalização e o consumismo, respectivamente, como fatores imprescindíveis pela fluidez do mundo contemporâneo. O que antes era tratado como projeto de vida, em que se ia construindo tijolo a tijolo, atualmente, com esse mundo dinâmico, a identidade assume esse dinamismo refletido na sua linguagem musical.

Com respeito à identidade, tema que será abordado em todas as seções, serão analisados as obras de Bauman (2001; 2004; 2005; 2007), Hall (2001) e Aragón (2008).

Portanto, pretendemos com este artigo contribuir para uma reflexão sobre a linguagem musical como reflexo das identidades e sua relação com o mundo moderno líquido.

## 2. *Identidade & linguagem musical*

A música sempre fez parte da vida das pessoas e em quase todos os momentos, de maneira que não tem como pensar em identidade sem considerar a linguagem musical.

Segundo Loureiro (2010), a palavra música vem do grego *mou-siké* e junto com a poesia e a dança, estava ligado a ‘arte das musas’, que tinham em comum o ritmo. Os gregos tinham uma paixão pela música, que além de ser uma arte, também era uma maneira de pensar e de ser, porque desde a infância aprendiam o canto como forma de educar e civilizar.

O Estado buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a garantia de sua continuidade. Por outro lado, uma nação sem Estado estaria destinada a ser insegura sobre o seu passado, incerta sobre o seu presente e duvidosa de seu futuro, e assim fadada a uma existência precária. Não fosse o poder do Estado definir, classificar, segregar, separar e selecionar, o agregado de tradições, dialetos, leis consuetudinárias e modos de vida locais, dificilmente seria remodelado em algo como os requisitos de unidade e coesão da comunidade nacional (BAUMAN, 2005, p. 27)

Ao longo da história, a música, então, desempenhou um papel importante no desenvolvimento completo do ser humano – social, político, religioso e moral, contribuindo assim para construção de hábitos e valores para o exercício da cidadania, ou seja, a linguagem musical contribuiu para identidade nacional do cidadão.

Loureiro (2010) declara que, durante a Idade Média, a Igreja Católica também se utilizou da música em seus cultos, por acreditar na forte influência que exercia sobre os homens<sup>8</sup>.

No Brasil, de acordo com Loureiro (2010), a linguagem musical também foi utilizada como técnica de aculturação e aproximação para civilizar os índios, que também tinham a música como manifestação artís-

---

<sup>8</sup> Na verdade, não havia ainda o conceito atual de Igreja Católica, em oposição ao Protestantismo, que nasceu no século XVI. Portanto, o termo “Igreja” na Idade Média, corresponde a Cristianismo, genericamente. [NE]

tica, pois cantavam em todos os momentos de sua vida – caça, pesca, nascimento, casamento, morte etc., e louvavam seus deuses.

Bauman (2005, p. 19) comenta que as identidades flutuam no ar, algumas são de nossa própria escolha, mas outras são adquiridas a partir do contato com outros. O autor, também, salienta da necessidade de se estar alerta “para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente”.

Um exemplo de processo de resistência, logo de defesa de uma identidade, é a dos negros africanos, que trouxeram uma cultura, ideias e princípios de sua terra natal, e após várias tentativas de anulação por parte dos brancos conseguiram, através de desentendimento e negociação, manter a sua essência identitária, quanto à religiosidade, danças, ritmos, lutas etc.

Quando se trata de preferências e escolhas culturais, talvez haja mais desavenças e antagonismos do que unidade. Os conflitos são numerosos e tendem a ser amargos e violentos. Essa é uma ameaça constante à integração social – e também ao sentimento de segurança e autoafirmação individual. Isso por sua vez, cria e mantém um estado de alta ansiedade... A tarefa de construir uma identidade própria, torná-la coerente e submetê-la à aprovação pública exige atenção vitalícia, vigilância constante, um enorme e crescente volume de recursos e um esforço incessante sem esperança de descanso (BAUMAN, 2005, p. 88).

Os escravos ao chegarem ao Brasil trouxeram sua linguagem musical e ela serviu como afirmação de uma identidade contra a imposta pelos europeus. Os negros trouxeram consigo seus sons e ritmos, que viajando pelo tempo, passaram pelo maxixe, samba e chegaram, nos tempos atuais, no *funk*.

### **3. *Funk: contexto histórico***

O *funk*, forte manifestação cultural da atualidade, teve sua origem nos Estados Unidos nos anos 30/40, conforme Vianna (1987). A música negra rural, quando chega aos centros urbanos, associa-se à música protestante negra (*gospel*), e assim, surge um ritmo novo – *rhythm and blues*, que caiu no gosto dos brancos, levando-os a copiarem estilos de música e vestimentas do negro.

Vianna (1987) também comenta que a partir do *rhythm and blues*, surgiu o *soul*, representado por James Brown, Ray Charles, Sam Cooke e

outros. De *soul* passou para *Black Music*, perdendo, portanto, a característica de revolucionário do início.

A palavra *funk* surge através de James Brown e tratava-se de uma gíria americana para designar o odor do corpo exalado durante a relação sexual e também, significava dar uma apimentada à base musical como frases musicais repetidas (*riffs*) ao som de pancada mais rápida, segundo Medeiros (2006).

A partir dos anos 60, *funky* passa a significar legal/maneiro, e Vianna (1987) declara que passou a representar a identidade de um grupo, como roupas, um bairro, um ritmo, um jeito peculiar, enfim, orgulho negro.

O *funk*, conhecido também como *shaft* ou *soul funk*, entra no cenário brasileiro em 1970, em especial no Rio de Janeiro, por meio do *big boy* (Newton Duarte) e Ademir Lemos com o Baile da Pesada, realizado no Canecão, em Botafogo, bairro pertencente à Zona Sul do Rio. Conforme Essinger (2005), os bailes eram dançantes, animados e aconteciam com casas lotadas, ao som de toca-discos e jogo de luzes.

Nessa mesma época, continua o autor, houve uma valorização da música popular brasileira (MPB) e o Canecão cedeu lugar a esse tipo de show. Diante dessa situação, os bailes começaram a migrar para o subúrbio.

Bauman (2005) afirma que há dois tipos de comunidades, uma comunidade de vida e de destino, em que seus membros vivem numa ligação absoluta e outra que une seus membros unicamente por ideias ou princípios. Nesse sentido, os bailes tinham um público fiel, ligados pela “ideia”, de forma que, os bailes, ao migrarem para outros bairros, conseguiram reunir em torno de 15 mil pessoas, sendo a maioria dos frequentadores negros e pobres.

Os anos 80, de acordo com Bauman (2005), foram um período de inventividade frenética, em que novas identidades foram erguidas, surgiram novos manifestos e novos cartazes impressos. Nesse contexto, o *funk* começa dominando os anos 80 com as novas equipes Furacão 2000 e Cashbox.

Essinger (2005) também conta que, nesse período, o *funk* começa a apresentar uma identidade brasileira através do DJ Malboro – Fernando Luís Mattos da Matta, que em contato com as novidades em dance, eletro e Black no exterior, em Londres, onde foi participar de um concurso de

DJ, começou o projeto de nacionalização do *funk*, em que passou produzir uma linguagem musical irreverente em português com base rítmica *volt mix*.

Globalização definida como processos que atravessam fronteiras nacionais, conforme Hall (2001), tornou-se peça chave para integração de comunidades, enfraquecendo a identidade nacional, fragmentando-as e reforçando outros laços culturais, tornando o mundo interconectado, de forma que interferiu sobre a identidade cultural do *funk* no Brasil.

Aragón (2008) complementa informando que as nações não têm mais fronteiras ou alfândegas fechadas, não são como antes, que controlavam o que produzia no seu interior e filtravam o que vinha de fora.

Em 1989, Malboro lança o primeiro disco “*Funk Brasil*” junto com outros do cenário do *funk*. O disco é vetado pela sociedade elitista e dominante, mas apesar das dificuldades conseguiu vender 250 mil cópias, ganhando o disco de platina. Malboro produziu *Funk Brasil 2* (1990), *Funk Brasil 3* (1991), Edição Especial (1994) e *Funk Brasil 5* (1996).

A identidade nacional tolerava outras identidades, desde que não colidisse com o Estado. Bauman (2005) declara que se pretendesse ter qualquer outra identidade que não tivesse o endosso do Estado, seria uma identidade não certificada, uma fraude e seu portador, um vigarista.

Nesse sentido, nos anos 90, o *funk* passa a ser visto de modo preconceituoso por se tratar de cultura popular de negros, pobres e moradores de comunidade, que são estereotipados como associados à criminalidade, e começa, com isso, as proibições oficiais dos bailes.

Bauman (2005) comenta que a ideia de identidade surgiu da crise do pertencimento e do esforço em transpor a brecha entre o *deve* e o *é*, e, assim, recriar a realidade a partir dos padrões estabelecidos pela ideia. O *funk* recriou-se e transformou-se gradativamente, a ponto de passar a ter uma maior aceitação e integração de outras pessoas ao movimento. A questão da identidade funkeira surge com a ligação de ideias dos membros de uma comunidade, a partir daí, justifica-se a representação dessa identidade pelo uso de uma determinada vestimenta, linguajar, comportamento etc.

Em 22 de setembro de 2009, o endosso do Estado saiu, pois o governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, através da Lei nº 5543, determina o *funk* como movimento cultural e musical de caráter

popular. Bauman (2005) comenta que a contemporaneidade líquida não acredita mais na força coerção por parte do Estado, a sociedade não dá mais ordens de como se viver e deixa de ser um árbitro severo e intransigente, mas se espera que seja justa e de princípios.

Segundo Hall (2001), as velhas identidades, que por muito tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio nos dias atuais, permitindo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo, antes visto como um ser unificado.

O *funk* começou na cidade do Rio de Janeiro, e logo tomou conta de todo o estado do Rio de Janeiro, em especial a Baixada Fluminense.

#### **4. Um breve histórico da Baixada Fluminense**

De acordo com Duarte (2010, p. 69), “*baixada* significa planície entre montanhas ou área baixa em relação a outras, já *fluminense* surge da palavra latina *flumen*, ou seja, rio”, pode-se concluir pela sua etimologia que se trata de municípios que apresentam terras baixas cortadas por rios”.

A Baixada Fluminense é formada pelos municípios de Itaguaí, Seropédica, Paracambi, Japeri, Queimados, Nova Iguaçu, Mesquita, Belford Roxo, Nilópolis, São João de Meriti, Duque de Caxias, Magé e Guapimirim.

Santos (2008) informa que em toda a Baixada Fluminense, nos anos 60, resultado da crise da citricultura e da conversão das chácaras em loteamentos, deixa a imagem bucólica e acontece um elevado crescimento populacional com a chegada de uma população de baixa renda e de migrantes nordestinos.

No entanto, os poderes públicos e privados não investiram na infraestrutura, de forma que o abandono e falta de investimento em bairros da periferia, que dura até os dias de hoje, estigmatiza a região como desvalorizada e ocupada por uma população de baixa renda, que sem recursos econômicos e com a valorização das terras no Rio de Janeiro, encontrou a oportunidade de adquirir lotes baratos ou invadirem terrenos particulares para fixar moradias.

A identificação é também um fator poderoso na estratificação, uma de suas dimensões mais divisivas e fortemente diferenciadoras. Num dos polos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as num leque

de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não tem direito de manifestar suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam... (BAUMAN, 2005, p. 44).

A partir dos anos 80, segundo Santos (2008), a atenção para a Baixada Fluminense vem trazendo investimentos que modificaram e modificam a sua fisionomia, principalmente nos centros dos municípios, como a construção da Linha Vermelha e da Via *Light*; a construção de um grande número de condomínios fechados destinados à classe média local e construções de *shopping centers* – *Shopping Grande Rio*, em São João de Meriti; o *Shopping UNIGRANRIO* em Duque de Caxias; *Nilópolis Square* em Nilópolis; e o *Top Shopping* em Nova Iguaçu e outros. Todavia, na periferia dos centros, ainda há área de pobreza com carências urbanas e exclusão social, marcadas negativamente como regiões de índice elevado de criminalidade e violência.

A Baixada é uma região que faz fronteira com a capital, toda e qualquer mudanças e movimentos sociais, político e cultural que aconteça na cidade reflete na Baixada. Ela por sua vez se apropria e transforma com adaptações que atendam suas necessidades. Com a chegada, na capital, do movimento cultural que atendia aos anseios de diversão de negros e pobres, o *funk*, não demoraria muito para chegar à Baixada e cair no agrado da população, que majoritariamente é formada de negros e pobres.

##### **5. *Funk: a linguagem musical na Baixada Fluminense***

A linguagem musical do *funk* da capital do Estado do Rio de Janeiro era construída com base na ideologia resultante do meio social, político e cultural, de modo que essa linguagem musical era contextualizada. Ao chegar à Baixada, o funkeiro reafirma sua identidade através de seus MCs, refletindo a sua realidade, no entanto, associada ao mundo líquido da contemporaneidade, reforçando ideias sobre globalização e consumismo.

A música como qualquer conhecimento, entendida como uma linguagem artística, organizada e fundamentada culturalmente, é uma prática social, pois nela estão inseridos valores e significados atribuídos aos indivíduos e à sociedade que a constrói e que dela se ocupam (LOUREIRO, 2010, p. 114).

O repertório musical e simples do *funk* transmitem de forma subterrânea, ideias, valores e comportamentos. Possibilita também a integração dos membros da comunidade por abordar nas composições o dia a dia de seus moradores. A música *Quer saber da minha vida vai na macumba*, do Mc TG 10 de Mesquita realiza uma crítica sobre os fofoqueiros.

Detesto gente fofoqueira  
 Isso dá bolação profunda  
 Quer saber da minha vida  
 Vai na macumba  
 Isso dá maior caozada  
 Isso dá bolação profunda  
 Da minha vida cuido eu  
 E você cuida da sua  
 É TG 10 que tá falando  
 Quer saber da minha vida  
 Vai na macumba.

A identidade era visto como projeto de vida que ia sendo construído pouco a pouco no presente para que o futuro fosse organizado, seguro e sólido. Mas, atualmente, vivemos num mundo instável, que conforme Bauman (2001), as identidades se tornam fluidas, peculiar de uma modernidade líquida em oposição à solidez, que invadiu todos os setores da sociedade, inclusive no universo musical. A identidade se torna um processo contínuo e inacabado, pois não tem destino certo, uma vez que os objetivos se transformam a partir das experiências e durante o processo.

A linguagem musical dos funkeiros reflete essa liquidez dos tempos atuais. À medida que a informação é dinâmica nesse mundo global, em que há um fluxo cultural muito grande, Hall (2001) comenta que somos consumidores, clientes e público entre pessoas distantes tanto no espaço como no tempo.

Para Aragón (2008, p. 32), vivemos “numa época em que as empresas fabricam não apenas bens úteis, mas também atitudes, estilos de vida e aparências pessoais, as marcas globalizadas vinculam milhões de consumidores.” Nesse contexto, surge o *funk* ostentação, que teve início em São Paulo e caiu no gosto dos funkeiros do Rio, uma linguagem musical para enfatizar o consumismo. A música *Toda hora tem*, do Mc Paixão de Nova Iguaçu, revela essa peculiaridade.

Toda hora tem,  
 Toda hora tem  
 Quando o bonde cai pra pista  
 É só de galo e de cem

Toda hora tem,  
Toda hora tem  
**De Pagero, R1, Ornete e Citroen**  
Porque é final de semana  
E eu vou zoar de novo  
Com o malote no bolso  
E o meu batidão de ouro  
**Tem Bacardi, Red Label, Red Bul e Absolut**  
As novinhas quando ver  
Não quer mas sair daqui  
Quando eu vou meter o pé  
A mais gostosa vem que vem...

A música da Mc Debby de Nova Iguaçu, *Nós incomoda*, também enfatiza o ter:

Quem é de fechar  
Já pode chegar  
Que o camarote  
Eu é que vou pagar  
Porque sou MC Debby  
Tô aqui pra incomodar  
**Bem vestida**  
**Eu tô de Christian**  
**Perfumada e produzida**  
**De Camaro na balada**  
E a **chave com manobrista**  
E as amigas são as top  
Não querendo esculachar  
Haha!... fazer o quê  
Temos para incomodar.

No mundo contemporâneo, os conceitos deixam de ser eternos e o consumismo torna qualquer coisa em valor de mercadoria, logo os sentimentos também passam a se tornar mercadoria, afetando a vida cotidiana. Bauman (2004) observa que no relacionamento humano, em que a individualização predomina nos dias de hoje, oscilam entre sonho e pesadelo, e não há como definir quando um se transforma no outro, devido à liquidez em que estão inseridos.

Dessa forma, essa característica do mundo líquido é refletida na linguagem musical do *funk* da Baixada, como, por exemplo, *Papo das brabas*, da Mc Debby, em que a música fala sobre as casadas que quando saem para os bailes agem como solteiras. A solidez do relacionamento de antigamente é substituída pela liquidez da atualidade.

Já dei o papo na balada  
Tô na pista pra negócio  
Na noite ninguém é de ninguém

Todo mundo vira sócio  
 Eu dançando rebolo gostoso  
 Me exibio com minhas amigas  
 Mas depois que a casa cai  
 Boto a culpa na bebida  
 Esse é o papo das brabas  
 Na rua eu tô solteira  
 Em casa eu tô casada  
 Dá um grito no baile  
 Quem deixou marido em casa.

Bauman (2004) afirma que o medo de sofrer ronda a humanidade, e a relação instável a livra desse sofrimento. Nesse sentido, trocar de amigos, cônjuge, namorados, colegas, e qualquer outro ser que se aproxime, permite que não haja apego. A sociedade líquida em que vivemos na contemporaneidade enxerga que quanto mais dinheiro se tem melhor se vive, e nessa concepção de consumismo, quanto mais relacionamentos, melhor, pois sempre que precisar eu troco.

No mundo líquido, a lealdade se torna motivo de vergonha. Segundo Bauman (2007, p. 17), ninguém quer ser deixado para trás ou de ficar preso com o que ninguém mais quer ser visto, perdendo, assim, o trem do progresso. “É natural das coisas exigir vigilância, não lealdade”.

Outra questão que envolve a linguagem musical é o erotismo, que remonta a sensualidade das negras e mulatas do período colonial e que até os dias de hoje encarna as fantasias sexuais dos homens. No entanto, conforme Bauman (2005, p. 80), “seu gozo e satisfação potenciais são mais bem saboreados e consumidos imediatamente, na hora, antes de começarem a esmaecer, como decerto ocorrerá”.

Mc Paixão, com a música Bota essa porra pra rolo mostra como o erotismo está forte nos tempos modernos:

Ó novinha danadinha  
 Desse jeito eu não aturo  
 Sua dança sensual  
 Estigando vagabundo  
 Tu deixou bonde maluco  
 Tu não vai fugir de novo  
 Vem cá então  
 Sente a pegada...

O corpo, enfatizando o lado sexual, conforme Bauman (2005), está à disposição de todo tipo de propósito e o desafio é esticar ao máximo a geração de prazer provocada pela sexualidade.

De acordo o autor, os indivíduos do líquido mundo moderno são diferentes, pois buscam construir e manter as referências comuns de identidades em movimento, lutando para juntar-se a grupos também móveis e velozes, construindo e tentando, assim, manter vivos por um momento, mas não por muito tempo.

## **6. Considerações finais**

Através desse artigo pode-se concluir, a partir das considerações das obras estudadas, que a identidade era formada com base no coletivo. Ter um Estado para nos orientar e coordenar o presente possibilitava termos um futuro previsível, e isso nos bastava e nos dava segurança. A identidade nacional era a base para uma sociedade sólida e a linguagem musical era um instrumento para garantir essa solidez.

Com a globalização, as barreiras que o Estado impunha foram quebradas, pois se antes era o mediador de “nós” para o mundo, agora “nós” temos acesso direto. A informação nos chega num dinamismo muito grande. O que agora é, pode deixar de ser daqui a pouco e o reflexo na linguagem musical é clara.

Com esses avanços, passamos a ter um mundo global, em que o ter está no primeiro plano. Consumir é a palavra chave de um sistema que Bauman chama de líquido. Consumir envolve também pessoas que são vistas como mercadorias. Os relacionamentos passam a ser instáveis. O amor líquido representa, assim, uma fragilidade nos relacionamentos, bem como a flexibilidade em que se substitui o outro.

A existência da linguagem musical por si só representa um momento histórico, logo, o *funk* na Baixada Fluminense também apresenta significado, mesmo que implícito, de uma época. Como estamos num momento de liquidez, ele, o *funk*, dentro de sua estrutura e estilo específico representa uma identidade que condiz com essa contemporaneidade.

Diante de todas as considerações, podemos dizer que o estudo em questão foi pertinente para reflexão do tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÓN, Luis Cardoza Y. Dos inconvenientes de ser latino-americano. In: CANCLINI, Néstor. *Latino-Americanos à procura de um lugar nesse século*. Trad.: Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Vida líquida*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DUARTE, Paula Alves. *História ambiental de uma unidade de conservação: o Parque Municipal de Nova Iguaçu* – Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia. Rio de Janeiro, 2010.

ESSINGER, Silvio. *Batidão: uma história do funk*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Hall, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. *O ensino da música na escola fundamental*. Campinas: Papirus, 2003.

MEDEIROS, J. *Funk carioca: crime ou cultura? O som dá medo. E prazer*. São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

SANTOS, Everaldo Lisboa dos. *Reorganização espacial na área central de Nova Iguaçu: o centro velho e o centro novo*. Dissertação (Mestrado) em Geografia, UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

VECCHI, Benedetto. Introdução. In: BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

VIANA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.